



**PROGRAMA DE FORMACIÓN A LARGO  
PLAZO  
PARA LAICOS EN AMÉRICA LATINA**

**MAGIS IV**

**EU, O OUTRO E NÓS**

**Maria das Graças Teixeira Rodrigues**

**Edson Carvalho Guedes**

**Tutor**

João Pessoa/2013

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>04</b>
<b>2. A RELAÇÃO DO EU COM O OUTRO .....</b>	<b>06</b>
<b>3. HOSPITALIDADE .....</b>	<b>09</b>
<b>4. RESPONSABILIDADE .....</b>	<b>11</b>
<b>5. BONDADE .....</b>	<b>13</b>
<b>6. A COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ E AS COMPETÊNCIAS ÉTICAS: NOSSOS RELACIONAMENTOS .....</b>	<b>14</b>
<b>7. CONCLUSÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>8. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>22</b>

## COMUNIDADE DE IRMÃOS

*Sem nos conhecermos, nossos corações batiam num mesmo anseio.  
Um dia nos encontramos, e agora seguimos juntos.  
Por isso nós te damos graças, Senhor, nesta assembléia de irmãos.  
Quando tu plantaste em nossas vidas o grão do Homem Novo, nós até nos  
sentimos doentes.  
As perguntas sem respostas requeimavam lá dentro.  
Os caminhos costumeiros se fizeram estranhos.  
Sentíamo-nos transpassados, devorados pelo desejo de nos libertar, sem  
saber como fazê-lo.  
E nos gritavam: desadaptado, louco, inocente útil.  
E nos perguntávamos: vamos nos esquecer de tudo, queremos ser um a  
mais?  
Porém não sabíamos fingir.  
Não teve cura esta ferida de amor por tua gente.  
E seguimos nosso caminho, levantando-nos e caindo, solitários e solidários,  
entre esperanças e medos.  
Um dia nos encontramos, felizes, contentes.  
De repente percebemos que não somos diferentes.  
Está nascendo algo novo; uma corrente escondida nós reúne aos viajantes.  
É teu Espírito, Senhor, que nos lança ao Mundo Novo.  
Por isto, em nossa comunidade de irmãos, a ti cantamos, Pai Nosso.  
Em nossa fragilidade, sentimos pulsar tua força.  
Na noite de nossas incertezas, abre-se o caminho de tua luz.  
No meio de nossos complexos, que fazem difícil o entendimento e nos  
causam muita dor, constrói uma ponte o teu amor, e uma morada de paz.  
Olha, Senhor!  
Os inimigos do povo procuram nossa divisão.  
Nós mesmos vamos crescendo num mundo de receios.  
Por isso dá-nos, Senhor, esta paciência sem limites, tua misericórdia, tua  
compreensão.  
Que como tu nos amaste sejamos capazes de amar!  
Que esta pequena comunidade de irmãos, seja o começo de um povo  
fraternal.*

## 1. INTRODUÇÃO

*"E é na presença de outrem, perante o testemunho pessoal de um mistério e de um poder outro, que o infinito vem à ideia". Isabel Baptista*

Em um contexto em que falta clareza sobre o que se busca no mundo eclesial, podemos enfatizar uma realidade que é bem visível: *a busca da hospitalidade*. As pessoas do nosso tempo e, mais especificamente, os cristãos em nossas igrejas desejam ser acolhidos, embora a hospitalidade não se reduza apenas à prática da acolhida. Este texto pretende explorar a idéia da Igreja, mas especificamente da CVX, como ambiente de hospitalidade, e também como grupo de pessoas que procuram viver com responsabilidade e bondade para os que dela se aproximam e buscam novos caminhos. Para nos ajudar nessa reflexão, fizemos uso, sobretudo, do texto de Isabel Baptista (2007) que, a partir da filosofia de Emmanuel Lévinas, trata dessas três atitudes como competências éticas.

O ser humano faz a experiência, nesta vida, de ser peregrino, um ser andarilho e no seu caminhar deseja ser acolhido. Trata-se de uma necessidade antropológica, não necessariamente religiosa. É possível observar o quanto as pessoas mudam de uma religião para outra ou de igreja para outra, atraídos, sobretudo, pela experiência da acolhida.

Hospitalidade, responsabilidade e bondade estão intrinsecamente ligadas e são modos de viver inseparáveis. Exigem uma relação de rostos, ou seja, relação em que as pessoas são acolhidas na sua situação de indigência, vulneráveis. Assim como o rosto está sempre nu, assim também é a nossa experiência nessa vida, somos seres carentes. A hospitalidade, neste sentido, implica também responsabilidade pelo outro, exige gratuidade com relação ao próximo. Trata-se, portanto, de modos de ser no mundo, atitudes interligadas uma à outra.

Muito se tem falado da visibilidade da CVX. Temos vivenciado várias críticas no que diz respeito ao fechamento das Comunidades de Vida Cristã, como “grupo elitizado”, “guetos”, etc. Como pode se dar esta visibilidade? Pela propaganda? Pelo testemunho? O que nos faz sermos vistos como “grupo” fechado? Uma simples opinião alheia, ou algo que realmente estamos transmitindo? O que significa “caber” na CVX?

Diante disto, resolvemos explorar os conceitos das três competências éticas: hospitalidade, responsabilidade e bondade, na relação com o outro, buscando refletir sobre a nossa capacidade, como Igreja, de vivenciar essas competências uns para com os outros.

Neste sentido, acreditamos que olhar para nós mesmos a partir da nossa história, da nossa identidade CVX pode nos ajudar nesta busca de percebermos como estamos recebendo o outro, o que conseguimos enxergar e se as competências éticas, aqui elencadas, podem nos ajudar na percepção das pessoas sem que tenhamos que colocar empecilhos, sem preconceitos, sem bloqueio ao processo de encontro. Trata-se de refletir sobre o encontro com o outro, dificultado muitas vezes por ele não se enquadrar naquilo que queremos ou esperamos. As competências éticas da hospitalidade, da responsabilidade e da bondade (ou gratuidade) nos permitem ir mais além, transcender no encontro, para que o outro se apresente do jeito que é e faça suas escolhas livremente. Tomar consciência deste processo pode ser importante para sentirmos verdadeiramente as nossas motivações, para deixar acontecer o encontro. Desconfio que [pré] conceitos sobre o ser CVX pode nos impedir de percebermos o outro, e conseqüentemente não conseguimos abrir espaços claros para estes.

Exploraremos mais especificamente a visão de Isabel Baptista, em sua leitura sobre Lévinas, Leonardo Boff e Rogers na visão de homem e da hospitalidade.

## 2. A RELAÇÃO DO EU COM O OUTRO

Em uma estrutura de mundo massificado, de uma sociedade impessoal, corre-se o risco da singularidade e diferenciação do indivíduo ser diluído no meio da multidão. Hoje, muitos outros são vistos por “classes” e não como um rosto, mas como gênero, opção sexual, gerações diferentes, iletrado, diferente classe social, o excluído, de tal ou tal religião, “estrangeiro” ou não, etc. e tal. De alguma maneira, já estamos criando conceitos que os diferencia como pessoa e muitas vezes, olhamos o outro como aquele que está incluso em um determinado espaço, e não como um sujeito singular, um rosto que nos interpela.

Rogers acredita no homem como um ser capaz de crescer, de buscar sua potencialidade para atingir um funcionamento pleno, crendo nisto como inerente ao indivíduo. Rogers coloca como marco fundamental da Abordagem Centrada na Pessoa, duas tendências: a tendência formativa, característica do universo como um todo, e a tendência atualizante, característica da vida orgânica.

Na tendência formativa, o universo está em um processo constante de construção e criação, onde toda forma surge de uma outra mais simples, menos complexa, tanto em nível orgânico, como no inorgânico.

A tendência atualizante é uma tendência natural dos seres humanos para um desenvolvimento completo e complexo. Esta tendência está presente em todas as ocasiões, buscando constantemente a conservação e o enriquecimento do eu, se opondo a tudo que compromete isto. A ação desta tendência, de como cada indivíduo percebe as situações, independente desta percepção ser real.

O campo de experiência de cada indivíduo é único e contém percepções, sensações, eventos que se passa no organismo, a todo momento e que pode estar disponível à consciência, sem ser necessariamente consciente. Dentro desse campo, está o “eu”, conjunto organizado e mutável de percepções relativas ao próprio indivíduo. As diversas situações são percebidas pelo indivíduo em função deste eu. O que é relacionado com o seu eu, é percebido com destaque e pode ser modificado em função dos desejos do indivíduo. Assim, também, o que não é relacionado com o eu, tende a ser negligenciado. Portanto, a eficácia ou não da tendência atualizante, depende da noção do eu.

A diferença entre o eu e o eu ideal, considerando como o conjunto de características que o indivíduo descreve como parte de si mesmo, o que indica o surgimento de problemas para o indivíduo, pois se a imagem que tem de si, não é o que ele realmente desejaria para si, o seu eu não é o ideal e daí surge o conflito.

Rogers coloca três atitudes fundamentais numa relação de ajuda, de acolhimento:

- *autenticidade* – é uma atitude onde o que se expressa, a experiência e o que se está percebendo são semelhantes. Aquele que acolhe percebe seus sentimentos, sejam negativos ou positivos, o que facilitará a comunicação com o outro, pois este os reconhece como seus e não “mistura” estes sentimentos com os do outro.

- *aceitação positiva incondicional* significa a aceitação profunda e genuína do outro. O incondicional refere-se ao não julgamento de pensamentos e comportamentos do outro. Aceitar sem colocar condições, valorizando-o como um ser livre para ter seus próprios sentimentos, para arriscar-se sem medo da não aceitação.

Para Rogers, na relação com o outro, a aceitação incondicional do outro, é de fundamental importância, pois pode já apresentar um efeito terapêutico na pessoa, uma vez que o fato dela sentir-se aceita por aquilo que realmente é e é assim acolhida, também pode fazer que a mesma aceite a si mesma e torne-se capaz de se compreender mais e se reconhecer enquanto pessoa. A aceitação incondicional implica no não julgamento e na acolhida, embora não signifique que se concorde com todas as idéias do outro. Rogers acrescenta, ainda, que se pudermos aceitar plenamente o outro, também cresceremos individualmente em auto-aceitação e auto-compreensão, pois na verdade, o problema do ser humano é não aceitar-se e respeitar-se. O fato de se conhecer implica no reconhecimento dos traços de maturidade que pode ser reconhecido pela capacidade de ir em direção aos outros, ter auto-suficiência razoável, exercer sua vontade, ter flexibilidade, estabilidade emocional e capacidade adaptativa.

- *empatia* – capacidade de se colocar no mundo subjetivo do outro e de participar de sua experiência, buscando ver o mundo como ele vê, encorajando-o a chegar mais próximo de si.

Rogers coloca estas atitudes como comprovadamente eficazes na promoção de mudanças construtivas da personalidade e do comportamento dos indivíduos, fazendo com que estes sejam mais livres para ser e transformar-se.

Em um dos textos de Isabel Baptista, ela refere-se ao acolhimento narcisista, aquele em que, provavelmente, como Rogers assinala, não há o reconhecimento dos traços de maturidade, e a relação com a outra pessoa, torna-se egoísta, para satisfação própria:

*Como tantas vezes acontece, o cuidado e a deferência em relação a outra pessoa, a escuta atenta da sua verdade, pode não passar de um mero estratagema ao serviço do processo de engorda de Egos que, assumindo-se apenas na condição de receptores, indisponíveis para a partilha, escolhem permanecer ensimesmados, arrogantemente cheios de si. Configurada pelos valores da informação e do conhecimento, a sociedade contemporânea favorece a emergência de um certo «vampirismo social», alimentado por «pequenos dráculas» ou mestres na arte de apropriação narcísica. Ora é na experiência de relação solidária, na zona de encontro intersubjetivo, que se dá o prodígio do tempo. Quando duas subjetividades entram, efetivamente, em diálogo, entre um mesmo e um outro surge um «terceiro» que, à partida, estava ausente. Esse terceiro é o lugar comum, a verdade nova, a diferença desejada, a alternativa. Nesta medida, o sentido de comunidade produzido na relação solidária precede, sustenta e transcende o universo simbólico legitimado por qualquer coletivo histórico.<sup>1</sup>*

Isabel Baptista (2007) afirma que ser pessoa significa ser sujeito de uma história que, por ser absolutamente própria, tanto pode recusar-se à revelação pública como escolher-se expor. O respeito pela privacidade, pelo segredo pessoal, é indissociável do poder de revelação livre. Porém, também questiona se todas as pessoas têm esse poder de escolha.

Arduini (2002) lembra, também, que nós somos o “outro” para os outros e seria interessante perguntarmos que outro somos, pois ser outro também é responsabilidade. E aí, ele apresenta alguns rostos de outros, como o “outro” ocluso, que é indecifrável, esconde-se; o “outro” desconhecido, que é distante, estranho; o

---

<sup>1</sup> Baptista, Isabel. Cidadania Solidária e Produção de Lugares Comuns. A Página da Educação, nº 167. Texto publicado em “A Página da Educação”, nº 167, no site <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=167&doc=12310&mid=2>



“outro” ameaçador, que inspira desconfiança; o “outro” prepotente, esmaga os mais fracos; o “outro” violento, que tende a eliminar os desafetos. Estes são só alguns exemplos citados pelo autor, deixando o questionamento se este olhar sobre o outro é real ou imaginário, a partir de nossas percepções e de imagens e máscaras construídas e transmitidas pelo próprio outro.

A partir desta perspectiva da visão de homem e de seu processo de acolhimento/crescimento daremos continuidade à nossa reflexão, enfatizando as três competências éticas, no sentido de perceber se a partir do nosso Eu, estamos conseguindo sermos hospitaleiros, responsáveis e bondosos.

### **3. HOSPITALIDADE**

Quando buscamos definições sobre hospitalidade, encontramos diversos significados, principalmente relacionados com alojamentos, termo, vindo de vários séculos atrás, onde as ordens religiosas da Idade Média acolhiam peregrinos, pobres e enfermos em seus Mosteiros. Trata-se mais do relacionamento entre o que hospeda e o hospedado.

Boff, em seu livro “Um outro mundo é possível – Hospitalidade”, cita o mito de Baucis e Filêmon, destacando que o mito possui densidade antropológica universal e coloca como as virtudes mais importante para a sociabilidade humana, a hospitalidade, a convivência e a comensalidade. Este afirma que a hospitalidade está relacionada com os mínimos cuidados humanos materiais, mas que estes remetem a um mínimo espiritual, profundo, que é a capacidade de acolher incondicionalmente, e é isto que nos diferencia no reino animal, aquilo que nos faz humano.

Para Boff, a hospitalidade é uma disposição da alma, aberta e irrestrita. Ela, como o amor incondicional, em princípio, não rejeita nem discrimina a ninguém. É simultaneamente uma utopia e uma prática. Como utopia representa um dos anseios mais caros da história humana: de ser sempre acolhido independente da

condição social e moral e de ser tratado humanamente. Como prática cria as políticas que viabilizam e ordenam a acolhida. Mas por ser concreta sofre os constrangimentos e as limitações das situações dadas.

Ainda tendo em vista o mito de Baucis e Filêmon, Boff, destaca 13 dimensões da hospitalidade:

1. Sensibilidade – que diz respeito a percepção do outro em sua necessidade
2. Compaixão – como “capacidade de esquecer-se de si e ir ao outro com ânimo de acolher e cuidar”.
3. Acolhida – fruto da sensibilidade e da compaixão.
4. Convite para sentar – o aconchego e a convivência.
5. Oferecer água fresca – a que mata a sede e devolve o bem estar.
6. Acender o fogo – possui algo íntimo, representando a luz e o calor, próprios da casa que se torna lar.
7. Lavar os pés – acolhida e serviço ao outro.
8. Dar de comer – a comida não apenas como nutrição, mas consumação da relação de amizade. É onde a hospitalidade se concretiza maximamente.
9. Dar de beber vinho – “o vinho é símbolo poderoso de vida, de festa e de alegria de estar juntos.
10. Servir superabundantemente – dar algo especial ao outro com quem se está vivenciando.
11. Oferecer tudo – é o teste da hospitalidade incondicional, colocar tudo a disposição, nada é retido para depois.
12. Compartilhar a comensabilidade – como o dar de comer, é uma alta expressão da convivência, superando toda a distância, pois só com os que se fizeram amigos, pode se expressar esta comunhão, não apenas de comida, mas de corações.
13. Oferecer a própria cama – a entrega total da própria intimidade.

Essas dimensões nos oferecem um caminho para o entendimento da hospitalidade, além da acolhida, enfatizando o perceber o outro, além da acolhida, isto é, não basta só o abraço fraternal, o deixar o outro chegar, mais o olhar além da visão comum e enxergá-lo no mais profundo de sua humanidade.

Baptista enfatiza hospitalidade como sendo a “capacidade de abertura, de escuta e de relação, como disposição para acolher a diferença misteriosa testemunhada por outro ser humano e a partir da qual se desenvolve uma responsabilidade ativa”. Esta disposição implica também em assumir os riscos decorrentes desta atitude. Riscos estes, que não são controlados, pois são provocados pelo “rosto” do outro, que, quando interpela, não se pode escapar da responsabilidade de respostas.

Para se entender este conceito, também é importante entender a significação de “rosto”. Segundo Lévinas, que o define como a apresentação de si por si mesmo, representando a unicidade do sujeito, a possibilidade de uma manifestação radicalmente singular.

Os rostos implicam na responsabilidade de aceitação incondicional deste, pois a hospitalidade supõe ultrapassar atitudes de reservas, preconceitos, receios. O outro provoca uma resposta e esta, apesar de ser dada por quem é provocado, necessita ser, na medida do possível, neutra, visando apenas o rosto a frente.

O acolher não sugere perguntas, desconfianças, e sim sensibilidade, abertura de coração, perceber o outro como pessoa.

#### **4. RESPONSABILIDADE**

A relação de hospitalidade que se dá através do rosto é compreendida como uma relação ética e necessita ser vivida como experiência do encontro humano, envolvendo a experiência do diálogo, de contato e de sensibilidade.

A responsabilidade inclui ao mesmo tempo, afirmação e abdicação. Ao mesmo tempo em que a afirmação de si mesmo, a abdicação de si mesmo, não no

sentido de humilhação, porque o movimento que aqui se manifesta, não é de reação, mas de resposta.

A relação com o outro, segundo Boff, suscita a responsabilidade. A palavra responsabilidade significa dar um responso, uma resposta ao outro, que emerge em nós a ética, pois nos obriga a uma resposta, seja de acolhida ou rejeição.

Lévinas afirma que encontramos e vivemos primeiro, a responsabilidade, e depois é que surge a liberdade, pois a responsabilidade vem do priorizar o Outro, sentindo com ele. Afirma que o eu não precisa de empenho, de decisão, pois não é aí que a responsabilidade tem origem, e sim de além da liberdade, de um “antes-de-toda-lembrança”, de um “além-de-toda-realização”, “do não-presente”. Então a responsabilidade não é escolha, somos responsáveis pelo simples fato de existir em nossa condição de destinados ao outro.

A responsabilidade não implica em reciprocidade, porque o Eu é, antes de tudo, sujeição a Outrem, ou seja, o Eu só se constitui como sujeito humano a partir da sua relação pré-original de responsabilidade para com o infinitamente Outrem.

Em relação a responsabilidade direta para com todos os outros, Lévinas utiliza o conceito de terceiro, pois além da relação entre o Eu e Outrem, há sempre um terceiro, que mesmo não estando nesta relação face-face, não deixa de existir.

Segundo Baptista, a hospitalidade traduz-se no acolhimento do outro, que surge, irremediavelmente, de fora, mantendo o segredo da sua irreduzível e desconcertante interioridade, a sua configuração de estrangeiro.

Acolher o rosto pode ser uma relação de risco, instabilidade e incertezas, onde o sujeito experiencia uma aventura ética, estando desprotegido. Mesmo que seja um desejo, a chegada do outro, não deixa de ser uma invasão de um espaço e a interrupção de uma rotina, e por isso implica abertura, generosidade e disposição para acolher o “estrangeiro”.

A interpelação do outro, torna a liberdade refém no sentido de não poder fugir de uma resposta, mesmo que esta seja negativa, que o eu tenha a liberdade de fechar-se, negando a hospitalidade, recusando a responsabilidade, escolhendo realizar-se como isolamento.

Há uma responsabilidade do eu com o outro e ninguém pode substituí-lo, pois foi este o eleito. Ao mesmo tempo em que a eleição pode representar um privilégio, a responsabilidade com o outro também se torna uma submissão.

## 5. BONDADE

Segundo Baptista, Lévinas define bondade “como um processo de esvaziamento que inverte o movimento egoísta de domiciliação do mundo”. O outro, o rosto, pelo seu apelo, suscita a bondade, criando-a de certo modo. Esta, transcende os códigos de conduta que definem a vida social, transcende sempre a sua manifestação.

Baptista afirma

que a excelência da bondade marca uma consciência totalmente investida pelo outro sem que isso corresponda a uma situação de alienação ou escravatura. Sem que isso corresponda também, a uma deliberação racional, um cálculo. Porque em rigor, e de acordo com o que ficou dito, o sujeito não escolhe ser bom, mesmo quando decide praticar o bem. O sujeito é bom por ter sido escolhido – por ter sido eleito. A bondade está para lá de qualquer atributo escolhível (2007, p. 139).

E esta excelência reside na capacidade de ser para além da felicidade, de ser para os outros, e isto pertence só ao humano, pois acontece no mundo ordinário e simples das pessoas, criando um significado.

As três competências éticas, hospitalidade, responsabilidade e bondade são inseparáveis e interdependentes. Mesmo não havendo uma separação nem uma hierarquia, a bondade pode ser considerada correspondente ao sublime destas competências.

Enquanto competência ética, “a bondade exprime o vínculo a um bem imemorável e an-árquico, situado aquém da realidade objetiva e representável” (BAPTISTAS, 2007). A bondade impele o sujeito para esta realidade além, transcendendo o tempo cronológico. É uma exigência de relação com a anterioridade, fora da esfera comum, surpreendendo aquele, que reconhece seus gestos como seus, mas que tem origem fora de si, pois é o outro que com seu apelo,

suscita a bondade, criando-o de certo modo. Estes gestos de bondade, sempre transcendem os códigos de conduta da vida social. Vão mais além do que isto.

Para Derrida, segundo Baptista, a responsabilidade passa a depender de dois movimentos contraditórios, pois se percebe a não substituição da resposta como condição de identidade.

Rousseau crê que o homem é bom naturalmente, embora a sociedade o possa corromper com sua desigualdade entre os iguais. Rousseau acredita que a carência da igualdade, que é algo inato, que integra sua natureza, o faz reconduzi-lo a sua antiga bondade.

O movimento da bondade tem sempre o outro como referência. É um amor sem eros, que une os seres humanos.

Pode-se entender a bondade, como uma renúncia, a partir da idéia de que o sujeito, no apogeu do seu ser, se esvazia, dando espaço ao outro, ocupando-se deste.

Baptista afirma que a bondade se traduz em uma atitude, a um traço da subjetividade, que deve estar presente nos mais pequenos gestos do cotidiano.

## **6. A COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ E AS COMPETÊNCIAS ÉTICAS: NOSSOS RELACIONAMENTOS**

Quando buscamos a definição de comunidade, encontramos sua origem no termo latim “*communitas*”, referindo-se à qualidade daquilo que é comum, que partilham algo comum, como o idioma, a localização geográfica, costumes, etc. Geralmente há algo que a identifique como comum, diferenciando-a de outros grupos ou comunidades.

Para Baptista (2007),

os seres humanos identificam-se, isto é, constroem identidade, enquanto seres de relação o que, neste contexto de reflexão, é o

mesmo que dizer seres capazes de criar comunidade. A ruptura subjetiva provocada pela experiência de acolhimento de uma alteridade absoluta que, em rigor, só pode vir da presença de outra pessoa, é vital no processo de construção de identidade. Porém, por si só, ela não é suficiente para romper com o egoísmo da vida.

A CVX, como comunidade de vida cristã, em seu próprio nome, já há alguma definição, informando para os outros que é uma comunidade de vida cristã. Ao adentrar-se mais, verificamos seu carisma, documentos, etc. que a faz diferenciar-se de outras comunidades que também são cristãs.

A Comunidade de Vida Cristã possui uma identidade e espera-se que as pessoas que chegam, identifique-se com ela. No documento intitulado *Nosso Carisma*, no item a *Pessoa CVX*, considera-se o seguinte:

*Esperamos que o membro da CVX seja uma pessoa que colabore na missão de Cristo segundo sua própria vocação na Igreja. “Nossa Comunidade é formada por cristãos – homens e mulheres, adultos e jovens, de todas as condições sociais – que desejam seguir a Jesus Cristo mais de perto e trabalhar com Ele na construção do Reino, e que reconheceram na Comunidade de Vida Cristã sua vocação particular na Igreja. (PG 4)<sup>2</sup>*

Podemos observar que de um membro CVX se espera algo, se espera uma busca pela identidade da própria comunidade e caminhar segundo o mesmo.

Ainda podemos contemplar, pontos específicos desta vocação particular, de nossa identidade que a diferenciam significativamente, a partir de seu carisma e sua espiritualidade. São inicianos, reforçados pelos Princípios Gerais, que trazem expressões que remetem a experiência dos Exercícios, ressaltando a centralidade de Jesus Cristo e enfatizando que o viver simples e austero, solidários com os mais pobres e marginalizados, integrando contemplação e ação, com amor e serviço, não esquecendo nunca do discernimento, configura o estilo de vida CVX. Outro ponto importante é o papel de Maria na CVX, que é o mesmo que tem nos Exercícios e na experiência espiritual de Inácio.

---

<sup>2</sup> “Princípios Gerais da Comunidade de Vida Cristã”, aprovados pela Assembléia Mundial da CVX em Guadalajara, em setembro de 1990, e confirmados pela Santa Sé em dezembro do mesmo ano.

Além disso, veremos características básicas para o perfil da pessoa CVX, como ser alguém com condições pessoais para a experiência dos Exercícios Espirituais, com capacidade de aceitar a realidade, sendo sensível ao mundo social e político em que vive; com grandes desejos de viver a vida com entusiasmo e dinamismo; com inquietação, capaz de evoluir e de mudar tantos seus pontos de vista, como seu modo de viver. Claro, e por ser uma comunidade cristã, também é necessário estar movida pelo desejo de encontrar e seguir Jesus mais de perto, o que envolve compromisso com o outro, com a missão, com a Igreja.

No texto dos Critérios da Formação CVX, se apresenta o texto seguinte:

No processo de descobrimento da CVX como vocação particular devem se considerar diferentes aspectos. Em primeiro lugar, as características que se requerem da pessoa que deseja seguir esta vocação. Em segundo lugar, os meios que suscitam e despertam essas características e que ajudam a reconhecer que Deus chama para seguir o estilo de vida próprio da CVX. Esses elementos da pedagogia vocacional da CVX encontram-se basicamente nos Exercícios Espirituais. (Carisma CVX e outros documentos, pg. 56)

Então podemos perceber que a comunidade apresenta vários pontos próprios de sua identidade, e que a pessoa como vocacionada, identificada com estes, vivencia esta experiência como membro CVX.

Porém, como é chegar na CVX? Como nós, membros da CVX, conseguimos identificar quem pode ser um membro CVX ou não? Como perceber e lidar com diferenças que não nos cabe definir, mas deixar o outro definir? Como acreditar no outro?

Pode-se observar que nossos olhares nem sempre são livres de preconceito e de idéias sobre o outro, a partir do que este apresenta. Muitas vezes, olhar o outro e diferenciá-lo de nós, pode ser uma barreira para que este chegue. A nossa avaliação para pensarmos: “este pode ser um membro CVX”, tem base em que?

Esta pergunta se apresenta, porque na nossa realidade, muitas vezes, não surge um grupo já formado que queira conhecer CVX, mas pessoas, com suas curiosidades, suas buscas. E nos depararemos com o outro que espera uma resposta, que nos interpela e provavelmente não estamos conseguindo chegar a esta resposta.



Percebemos que o acolhimento como pessoa, que nos exige uma resposta é dada em nível de pessoa, porém não de comunidade. Vislumbrar o outro ser como pessoa, com sua história, sua dignidade, nos parece mais fácil, porém colocá-lo dentro da identidade CVX, que é um papel do próprio “outro”, torna-se pesado para nós, deixá-lo navegar por nossas águas, sem ter a certeza “que pode ser um dos nossos”.

Como comunidade, buscamos, a princípio, entender o que aquele sujeito busca junto a nós. Olhamos para suas limitações, suas intenções, e talvez, ficamos até a discutir se ele cabe ou não naquele espaço, esquecendo as vezes que aquelas limitações apresentadas pelo outro, muitas vezes, nos cabe muito bem também.

Entendemos que alguns seres buscam uma vida comunitária, mas nos perguntamos sempre o que está por trás disso. É a “paixão” pela espiritualidade inaciana, que é tão presente em nossas vidas? É a paixão pelos jesuítas, o sentir-se acolhido, o sentir-se próximo a Companhia de Jesus? É a solidão, tão presente naqueles que pertencem ao meio eclesial.

Em relação a solidão, abriremos aqui um parágrafo para um pequeno aprofundamento. Baptista cita José Machado Pais, no seu livro “Nos rastros da solidão, deambulações sociológicas” (2006, pp. 354-357)), nesse livro é apresentado onze definições de solidão:

- a solidão do ressentimento (por reação a lembranças dolorosas)
- à solidão por enclausuramento (por falta de respeito pelo que o outro tem de diferente);
- a solidão da perda (pela ausência de alguém);
- a solidão da disjunção (por desunião do que antes foi união);
- a solidão da procura (por busca incessante de conexão);
- a solidão possessória (que tenta substituir o vazio do ser pelo delírio do ter);
- a solidão dos desaposados (associada à privação dos bens de sobrevivência mínimos);
- a solidão depressiva (por falhas no encontro com o outro ou consigo mesmo);
- a solidão por opção (por redescoberta da identidade na interioridade);

- a solidão por descrença (por ausência de afetos e de esperança); e
- a solidão por indiferença (derivada do sentimento de falta de significado por parte de quem nos rodeia).

Podemos identificar, hoje, esta solidão urbana que parece ser agora intrínseca ao coletivo. É uma solidão expressa pela urbanização do mundo, pelo mundo virtual, que apesar de facilitar a comunicação, afasta do olhar, do contato físico, de se ver o rosto, de se ver face a face. Mesmo as que convivem juntas, geralmente em ambientes de trabalho, onde se passa grande parte do tempo, ou mesmo em ambientes eclesiais, por que são úteis uma as outras, no sentido de produção, de dever, de sobrevivência, mas não porque optaram por este ou aquele grupo, por identificação, onde aí, poderia surgir a partilha, a convivência afetuosa, a comensalidade.

A solidão por opção não interfere em um relacionamento comunitário, porém observamos que a solidão dos que se sentem só pode não ser uma boa motivação para uma vida comunitária, uma vez, que a tendência é a busca por companhia e no que diz respeito à CVX, como comunidade de uma espiritualidade exigente, fica ainda mais complicada se a vocação não existe.

Observa-se um grande número de pessoas, de todas as idades, que buscam os meios eclesiais como um lugar de encontro, de não solidão. Isto não é ruim, principalmente se conseguirmos acolher e ajudar a abrir portas e incentivar a construção de passagens entre o indivíduo e a sociedade, não necessariamente o acolhendo como comunidade de vida.

Na verdade, são pessoas que até nós chegam, com sua história, com suas limitações, tristezas, alegrias, sucessos e fracassos. Como podemos reconhecer um membro CVX, sem dar-lhe a oportunidade de caminhar, de se reconhecer pessoa com vocação CVX?

Nossa experiência como comunidade tem sido ainda um pouco confusa nessa receptividade, no sentido de como agregar pessoas na comunidade, pois isto implica tanto um movimento da comunidade, como do outro, de conseguir se adaptar a um processo já existente há bastante tempo.

Geralmente não nos deparamos com um grupo pronto ou um número de pessoas que se interessam pela experiência CVX, mesmo que sejam oriundos dos

Exercícios Espirituais, principalmente o EVC – Exercícios na Vida Cotidiana, nem todos se interessam de continuar buscando viver esta experiência.

Então o processo muitas vezes se dá a partir de pessoas que nos buscam para conhecer, e aí temos nos esforçado para que este acolhimento aconteça, mesmo diante de nossas limitações e pré-conceitos, e que este possa vivenciar na comunidade, o que é ser membro CVX.

## 7. CONCLUSÃO

O que podemos concluir disso tudo? Na verdade o número de perguntas são muito maiores do que de resposta, pois provavelmente seria necessário ter-se uma pesquisa mais detalhada dos membros CVX em relação ao seu chegar e ao perceber como é esta chegada do outro. Como ele se coloca na dimensão da hospitalidade, da responsabilidade e bondade ao outro.

O nosso entendimento sobre a hospitalidade, responsabilidade e bondade, poderia nos libertar no sentido de permitir enxergar o outro mais profundamente, sabendo que há um desafio, que isto pode nos afetar, porém nos permitindo vivenciar estes riscos.

Sabemos que o chegar de muitos de nós e de outros que chegarão, não é tão clarificado no início e que, portanto, a acolhida é fundamental para que o processo aconteça. Desfazer-se de nossos preconceitos e até ter consciência de nossas limitações e percepções, que nos fazem ver o outro desta ou daquela maneira, pode ajudar na receptividade e na abertura para que possam experimentar o que é ser CVX.

O olhar para nós mesmos como pessoa, enxergar nossas limitações e mesmo as motivações que nos trouxeram para a Comunidade de Vida Cristã, talvez possa nos ajudar e nos permitir ser interpelados pelo outro com mais liberdade, reconhecendo nossos medos, mas deixando que o outro se apresente, se mostre, e isto aconteça entre várias histórias, vários mundos, mais aconteça de forma que o verdadeiro encontro possa acontecer entre pessoas.

Permitir que o outro chegue sem olharmos primeiro se a pessoa cabe ou não na espiritualidade inaciana, no nosso carisma, mesmo que é isto nos dispense mais energia, tempo e trabalho, pode ser um caminho para que deixemos o outro também nos olhar, nos enxergar e discernir se também este lugar é o dele.

Apesar de nossa espiritualidade ser cristocêntrica, viver o “ama a teu próximo como a ti mesmo”, exige uma subjetividade que não estamos acostumados

a perceber e a sentir. Amar o outro como a nós mesmos, exige que reflitamos sobre este amor a nós mesmos, tantas vezes prejudicados por histórias de desamor e desencontros.

A espiritualidade inaciana nos faz perceber muitas de nossas feridas e como conviver com elas, porém esta busca pelo reconhecer-se exige de nós termos esta abertura para uma aceitação incondicional do eu, o que implica, não em uma acomodação, mas em um crescimento. Lamentar pelo que somos não nos leva a nenhum lugar, muito menos ao outro.

A comunidade de Taizé nos parece ter encontrado este sentimento da aceitação mútua, onde cada um descobre que os caminhos de unidade podem ser abertos na diversidade, o que proporciona fundamentos sólidos para serem criadores de confiança e fermento de paz no mundo.

Quiçá precisaremos entender que o sentimento de pertença na nossa comunidade, não significa apegar-se, mas libertar-se.

## 8. BIBLIOGRAFIA

ARDUINI, Juvenal. *Antropologia: ousar para reinventar a humanidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

BAPTISTA, Isabel. *Autoridade pedagógica e sabedoria ética*. Texto publicado em “A Página da Educação”, nº 144, Abril 2005, no site <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=144&doc=10734&mid=2>

\_\_\_\_\_. *Capacidade Ética e Desejo Metafísico. Uma interpelação à Razão Pedagógica*. Biblioteca de Filosofia. Edições Afrontamento. Porto, 2007.

\_\_\_\_\_. *Cidadania Solidária e Produção de Lugares Comuns*. A Página da Educação, nº 167. Texto publicado em “A Página da Educação”, nº 167, no site <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=167&doc=12310&mid=2>

BOFF, Leonardo. *Virtudes para o mundo possível, Vol I: Hospitalidade: Direito e Dever de todos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CARISMA CVX E OUTROS DOCUMENTOS. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CINTRA, Benedito. *Pensar com Emmanuel Levinas*. São Paulo: Paulus, 2009.

*Conceito de bondade*. Texto publicado no site <http://conceito.de/bondade>.

*Conceito de comunidade*. Texto publicado no site <http://conceito.de/bondade>

FORTE, Bruno. *Um pelo outro: por uma ética da transcendência*. São Paulo: Paulinas, 2006.

GALLI, Loeci Maria Pagano. *Psicopatologia Fenomenológica*. [http://www.igestalt.psc.br/gestalt\\_3.pdf](http://www.igestalt.psc.br/gestalt_3.pdf)

Instituto Brasileiro de Hospitalidade Empresarial. *Hospitalidade*. Texto publicado no site <http://www.ibhe.com.br/hospitalidade/>.

PASSOS, Filipe Caldas Oliveira. *A ruptura do ser pela humanidade do homem: ética, metafísica e humanismo em Emmanuel Lévinas*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará – UECE, 2013. Texto publicado no site [http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/dissertacoes2013\\_ruptura\\_ser\\_humanidade\\_homem\\_etica\\_metafisica\\_humanismo\\_emmanuel\\_levinas](http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/dissertacoes2013_ruptura_ser_humanidade_homem_etica_metafisica_humanismo_emmanuel_levinas).

*Responsabilidade em Kant e em Lévinas: entre os conceitos e os fundamentos.* Texto publicado em *Ágora Filosófica*, <http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/agora/article/view/59>.

SANCHES, Laura. *Percurso Acadêmico e Abordagem Terapêutica*. Texto publicado no site <http://www.espaco-vida.com/psicologia/psi-1.html>

SANTANA, Ana Lucia. *A Filosofia de Rousseau*. Texto publicado no site <http://www.infoescola.com/filosofia/a-filosofia-de-rousseau/>